

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

Lixa

Escola Secundária da Lixa

Eulália Abreu

Margarida Cardoso

Maria Sousa

Mário Silva

Dezembro de 2011

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades».

Olá, sou o Francisco! Estou aqui em pleno século XXI onde a crise é algo que nos atinge diariamente. Acabei a minha licenciatura há dois anos e tenho lutado por fazer vingar os meus sonhos de estudante. Formei-me em economia, sonhava em mudar o mundo, mas a realidade sobrepôs-se.

Recuemos até 2004. Lembro-me que foi o ano em o meu pai nos surpreendeu lá em casa com um “bruto” de um LCD e, com ele, contemplamos os magníficos estádios que construímos para acolher o melhor do futebol europeu.

Viviam-se tempos de felicidade e de grande poder, onde tudo parecia estar ao nosso alcance. Portugal parecia prosperar... Havia dinheiro, compravam-se habitações, adquiriam-se casas de férias e os bancos suportavam todo este processo ostentativo. Contudo, esta riqueza era puramente financeira, economicamente pouco estruturada e muito vulnerável aos mercados estrangeiros. Produzíamos têxteis e manufaturas baratas, tal como há décadas. Produzíamos muito (é certo?!), mas pouco ou nada ganhamos com isso.

Sensivelmente por essa altura, o meu pai, um pequeno empresário têxtil do Vale do Ave, adquiriu facilmente maquinaria em segunda mão dada a facilidade de crédito então existente. Tratava-se de uma empresa com baixos salários, impulsionado pelo lema “Não olhar a meios para atingir os fins”. Deste modo, tornava-se competitiva relativamente aos países cuja mão-de-obra é de baixo custo.

Com o dinheiro do crédito, o meu pai comprou também mais um carro e um apartamento de férias no Algarve onde era costume, nos serões de verão, juntar à sua volta amigos empresários. Bebiam, fumavam e trocavam impressões sobre a aquisição de ações em bolsa como se de um mero “Jogo de Monopólio” se tratasse. Arriscavam porque havia dinheiro para isso, chegando mesmo a investir na bolsa grega.

Eram tempos do vale tudo. O meu pai não tinha escrúpulos no negócio e não era o único. Era considerado um dos tubarões do Vale do Ave: aproveitava-se das fraquezas das outras empresas que dele dependiam dado o seu endividamento e a sua falta de capital. Recordá-me o brilho prazeroso no seu olhar quando negociava com uma empresa fornecedora, a quem ele impunha os preços. Condenável? Não, simplesmente uma forma de sobrevivência e lucro fácil.

Cresci a olhar para o meu pai como um exemplo a seguir. Cedo me apercebi da importância do dinheiro e confesso que herdei o seu de instinto empreendedor. Desde pequeno, enquanto os meus amigos da escola gastavam tudo o que recebiam, eu preocupava-me simplesmente em amalhar. Todas as minhas poupanças eram religiosamente guardadas no mealheiro que o meu avô me tinha oferecido no primeiro dia em que entrei para a escola. Com carinho, habituei-me a falar com ele ao deitar e inclusivamente batizei-o. Com ele assisti ao nascimento do meu irmão, à morte do meu avô, licenciéi-me e agora assisto à decadência da empresa do meu pai. E como chegamos a tal? Bom, foi tudo tão repentino que ainda não entendi como chegamos a este ponto.

Tudo começou com a crise económica que, sistémica e rapidamente atingiu todas as economias mundiais. Houve uma fuga monetária para países que até então víamos com um olhar economicamente altivo. Ironicamente, a empresa do meu pai chegou a contratar alguns funcionários brasileiros que recentemente se despediram e regressaram ao país de origem, onde a vida parece agora melhorar.

Culpas? Talvez do estado e também de todos nós... que perante o desvario do dinheiro mal gasto, que para tudo chegava, não quisemos olhar para o espelho que refletia uma realidade postiça.

A empresa acabou por fechar, despediram-se todos os funcionários e a crise aterrou na minha família. A minha mãe, uma excelente dona de casa,

entrou numa profunda depressão e o seu estado de saúde agravou-se quando o meu pai engoliu o seu orgulho e se dirigiu ao centro de emprego, declarando-se como desempregado.

A vida em casa mudou. Tínhamos hábitos muito consumistas que tivemos de arrancar do nosso quotidiano e quem mais sofreu foi o meu irmão que não compreendeu porque mudamos para uma casa muito mais pequena. Naquele turbilhão, ponderei mesmo deixar de estudar e emigrar, pois nada mais parecia valer a pena. No entanto, não me deixei abater, aguentei e com o incentivo dos meus pais, arregacei as mangas e acabei os estudos. Cheguei mesmo a participar em várias manifestações de rua, junto de uma geração defraudada e desesperançada. Comungava dos seus gritos de revolta que questionavam como havia sido possível ter chegado a este ponto de situação.

Esta situação parecia não melhorar, contudo o governo para tentar resolvê-la adotou um conjunto de medidas, as famosas medidas do plano de austeridade. Mas o que é isto do plano de austeridade? Sinceramente, nem eu, licenciado em economia, o sei explicar concretamente. Muitos, entendem-nas como uma série de medidas sociais, económicas e financeiras incutidas na sociedade portuguesa e europeia para tentar resolver a famosa “crise”, outros, e talvez a maioria entendem-nas como mais uma forma de o governo lucrar e a população sofrer.

De facto, a suposta riqueza que Portugal pensava possuir, revelou-se não só falsa, como inútil e uma agravante nos dias que correm. Admito que durante tempos pensei que Portugal estava a sofrer um processo de desenvolvimento a nível económico, financeiro e até social, porém, o único aspeto no qual Portugal ascendeu... foram as dívidas.

As nossas dívidas perante o estrangeiro agravaram a situação na qual nos encontramos. Surgem agora mandamentos novos no quotidiano do povo português, novos hábitos alimentares são incutidos, os problemas de saúde

agravam-se, o desinteresse pela educação aumenta e com isto, as manifestações multiplicam-se.

Eu vivo a crise bem de perto. Desempregado, com os meus pais na ruína, um irmão que largou os estudos por falta de expectativas e se inseriu num dos lados mais obscuros da vida. Terei eu a capacidade de refletir e me questionar sobre o lado positivo da crise? Bem, para a maioria a crise é algo que nada de positivo traz, mas será mesmo assim? Será essa a mais pura das realidades? Pode ser que sim, pode ser que não, mas a verdade é que, apesar de todos os problemas que ela acarreta, está-nos a transformar numa sociedade mais preocupada e mais cautelosa para os problemas do dia-a-dia. Estamos a reaprender a viver!

Referências

- <http://nos-at-europe@ua.pt>

Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa Lixa declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.